

# A PROPÓSITO DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ

Cláudia Maria Magalhães Grangeiro<sup>1</sup>

Início questionando a importância da criação de um curso superior para formação de Geógrafos – pesquisadores e professores – construtores de um conhecimento universal e necessário, o conhecimento geográfico.

Questionar a importância disto é extremamente significativo, pois nos remete não à discussão da importância da Geografia e sim de qual Geografia estamos nos ocupando. Que geografias estão sendo desenvolvidas? E que geógrafos estão sendo formados?

Sabe-se que no Brasil os primeiros cursos de Geografia datam dos anos trinta do século XX. Segundo Rocha,

Foi através do decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, que o ministro Francisco Campos renovou o ensino superior brasileiro com a introdução do sistema universitário. Através desse decreto foram criadas as Faculdades de Educação, Ciências e Letras, espaço acadêmico que passou a abrigar, dentre outros cursos, o de Geografia.

Daí em diante, outros tantos cursos para formação de geógrafos, e notadamente para a formação de professores de Geografia, foram sendo criados no Brasil.

No Ceará, segundo o Prof. Dr. Luis Cruz Lima,

A Geografia, no âmbito acadêmico, surge [...] na segunda metade da década de 1940, por iniciativa de intelectuais de diferentes formações profissionais. Desse movimento inicial decorre a formação de capacitados geógrafos cearenses – professores, técnicos e pesquisadores – que têm contribuído para a instalação de vários centros de pesquisa, de laboratórios de apoio a órgãos públicos e empresas privadas e, fundamentalmente, dos atuais cinco cursos superiores de Geografia que, pouco a pouco, foram se implantando: primeiro, o que veio participar da UECE; em seguida, cria-se o da Universidade Federal do Ceará; depois o curso de geografia da Universidade Regional do Cariri (URCA), em Crato; da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, em Limoeiro do Norte (atualmente, integrada à UECE) e, por último, a Casa da Geografia da Universidade do Vale do Acaraú [sic] em Sobral, onde funciona o curso de graduação, recentemente reconhecido. Desse modo, da Capital para vários pontos do norte e sul do Estado, se disseminaram cursos, formando, semestralmente, dezenas de jovens profissionais que vêm se engajando no mercado de trabalho do país.

Assim percebemos que o curso de geografia da UVA, é o “irmão caçula” da “família geográfica” da universidade cearense. Digo isto porque a universidade é uma instituição social; portanto, “ela realiza e exprime de modo determinado a sociedade de que é e faz parte” (CHAUÍ, 2001, p. 35), não cabendo indagar como inserir a universidade na sociedade, cabendo, entretanto, indagar: como a universidade, e particularmente o objeto da nossa reflexão, o curso de Geografia, vêm expressando historicamente esta sociedade?

Vale destacar que ainda não temos um século de geografia acadêmica no Brasil; no entanto, a partir das inúmeras ressignificações desta parcela do conhecer em nosso meio teríamos “histórias” suficientes para escrever bem mais que isto.

---

<sup>1</sup> Geóloga, professora Ms. do Departamento de Geociências da UECE.

Vejo hoje que a geografia que conheci, e pela qual até me apaixonei, não é mais uma história de lutas; se rendeu ao mercado, como diz o professor Cruz Lima, acima citado: “se disseminaram cursos, formando, semestralmente, dezenas de jovens profissionais que vêm se engajando no mercado de trabalho do país”.

Por que é assim? Porque neste país, de frágil democracia, o ensino superior é privilégio e não direito de fato do cidadão e do exercício da cidadania!

A universidade vem se deixando seduzir pelas condições do mercado, pela aplicabilidade do saber que **deve** ser produzido, inclusive como condição de sobrevivência institucional, e o saber geográfico vem se mostrando bastante eficaz em responder a tais provocações. O que é minimamente lamentável.

O exercício da crítica como condição fundamental da produção acadêmica; o tempo tido como (des)necessário à maturação dos conhecimentos, demonstrado através dos curtíssimos prazos destinados à formação (graduação e pós-graduação); a desvalorização da graduação e dos cursos de formação *lato sensu* e a pressa na busca da pós-graduação *stricto sensu*; a desvinculação entre os vários níveis de conhecimento, isto é, entre universidade e a situação do ensino fundamental e médio; o descaso com a docência, que sequer entra no cômputo avaliativo da instituição; a separação do bacharelado e das licenciaturas, de fato a separação entre pesquisa e ensino; a privatização dissimulada – a cada dia surgem novos cursos de especialização pagos e mestrados profissionalizantes também pagos, propostos, obviamente, por professores da instituição; o professor que empresaria o saber como forma de “fazer o próprio salário”, acabando com o tempo para discussão e reflexão essenciais a uma instituição de pesquisa-ensino e a destruição da organização docente e da docência.

A “pressa” como condição; o “ganhar dinheiro” como fundamento; e o “futuro” como justificação, nele teremos, então, tempo para pensar, discutir, refletir... . Cabe perguntar: “se o presente é chave do passado, é também, condição do futuro”, afinal que porta estamos, então, a abrir?

Agora voltemos à indagação inicial: qual a importância da criação de um curso superior para formação de geógrafos? Acrescendo aqui outro fator: o fato de este curso ter sido criado nos anos noventa do século XX?

Devo salientar que nenhum saber é inocente; que a vocação política sempre predominou na criação das instituições universitárias no Brasil; e que, como instituições sociais, essas revelam, também, o que social e historicamente está posto e determinado. Assim foi nos vários momentos, seja na ditadura Vargas; nos cursos criados sob a égide do desenvolvimentismo brasileiro, sob a ditadura militar ou ainda para os mais recentes, como é o caso do curso de Geografia da UVA, criados sob os pretensos ventos democráticos no país.

O que se quer dizer com isto?

Que cabe a nós, professores e estudantes universitários, enveredar em um processo de auto-reflexão necessária e fundamental, para que, à moda do que postula o “desenvolvimento sustentável”, possamos garantir para hoje e para as gerações futuras universidade pública, gratuita e de qualidade no Brasil e neste Ceará tão assolado pelas desigualdades sociais e por sua natureza semi-árida.

E aqui reside a grande importância da criação de cursos de Geografia, a partir do objeto de estudo geográfico – o espaço e os processos socioespaciais – compor e construir uma crítica profunda e permanente que revele como a natureza e a sociedade estão absorvidas uma na outra e uma pela outra, para contribuir, através da pesquisa-ensino, para a construção da democracia fundada na noção de direitos, visando superar a dificuldade em instituir e conservar a cidadania.

Neste sentido, sinto grande alegria na presente comemoração dos dez anos do curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, pois, pelo que tenho acompanhado, desde os primeiros momentos os jovens professores que compõem o quadro docente deste curso dispõem esforços, sem medi-los, no sentido da construção da pesquisa-ensino em Geografia, em uma constante construção da universidade pública, gratuita e de qualidade, atendendo ao processo formativo e educacional dos estudantes – notadamente deste quadrante do Estado –

que compõem o quadro discente desta instituição. Estão, pois, de parabéns todos os que fazem este curso, esta Instituição e esta sociedade.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001

LIMA, Luis Cruz. Histórico da licenciatura em Geografia na UECE. In: **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia da UECE**.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **Uma breve história da formação do(a) professor(a) de Geografia no Brasil**. Disponível em:

<http://www.cibergeo.org/agbnacional/adobepdf/Rocha.pdf> Acesso em: 12 novembro 2005.

SILVA, Waldeck Carneiro da (Org.). **Universidade e sociedade no Brasil: oposição propositiva ao neoliberalismo na educação superior**. Niterói : Intertexto; Rio de Janeiro: Quartet, 2001.